

Nonoai vira palco de disputa

Arivaldo Chaves/ZH

□ A natureza do parque florestal sofre com o abandono e a briga entre índios, garimpeiros, agricultores e governo

CLARINIA GLOCK

O Parque Florestal de Nonoai, uma das últimas reservas de mata nativa do Estado, está abandonado no centro de uma confusa disputa. No meio das araucárias que se espalham nos 17.499 hectares do parque, índios, ecologistas e autoridades travam uma luta. Enquanto cada um puxa a razão para seu lado, caçadores e garimpeiros exploram o rico ecossistema da área. Do lado de fora, as lavouras avançam sobre o limite das árvores. Os tocos de timbó recém-cortados indicam que os agricultores estão indo além das divisas do parque, sem que haja qualquer controle.

Desde que um grupo de caingangues da reserva indígena vizinha de Nonoai ocupou o parque florestal em fevereiro deste ano, alegando ser terra de seus antepassados, o Estado vem pedindo para si o direito de proteger o verde e expulsar os invasores. Como a Fundação Nacional do Índio (Funai) interveio, a decisão passou para a alçada da Justiça Federal, e a imensa área verde ficou sujeita ao ataque dos brancos e índios.

Os guardas expulsos pelos índios e o antigo diretor do parque Ariel Rossato já acusaram os caingangues de depredar a área indiscriminadamente. Os índios que estão no parque acusam os guardas florestais de terem feito buracos enormes no meio da mata em busca de pedras preciosas. Eles apontam também, sem receio, onde estão os restos de



Devastação: as árvores derrubadas indicam que as lavouras avançam os limites sem sofrer com a fiscalização

PARQUE FLORESTAL DO NONOAI

Criado pelo decreto nº 855 de 10/03/1949

Município	divisa de Nonoai e Planalto, região do Alto Uruguai
Área	17.499m ²
Fauna	porco do mato, leões baio, jaguatiricas, veados e aves silvestres
Pedras	semipreciosas como ametistas, topázios e ágata
Flora	fouro, cedro, grápala e araucária

Zairi/Arto ZH

árvores cortadas pelos funcionários expulsos, algumas esquecidas entre as trilhas verdes. "É angico seco, madeira de lei, boa para construir casa", explicou o cacique João Elias Morreira, da reserva Rio da Várzea que fica dentro do parque, próxima ao município de Liberato Salzano.

MADEIRA — A trilha que leva à tora de angico seco passa por pelo

menos dois buracos escuros para dentro da terra, cavas de aproximadamente um metro e meio agora encobertas pelos galhos velhos caídos das árvores. São semelhantes às que existem próximo da velha casa de madeira que era ocupada pela guarda florestal e onde hoje mora um dos filhos do cacique Morreira. Na paisagem que cerca esse lado do parque quase não tem mata. Os

netos do cacique brincam na terra nua.

O roubo de madeira de lei sempre foi uma preocupação dos ecologistas. O próprio cacique de Nonoai, José Orestes do Nascimento, o Zé Lopes, que liderou a ocupação do Parque Florestal, já foi acusado de ser conivente com a Funai na venda de madeira da reserva indígena.

Agora, depois de toda a confusão com a Justiça, os índios negam querer mais do que tirar o mel e o pinhão do parque, como faziam os seus antepassados. O tratadista da Funai Amândio Vergueiro, 46 anos, caingangue originário da reserva extinta de Serrinha, diz que os índios custaram a se alertar dos perigos da devastação. Embora toda a área seja terra indígena, ele defende a ocupação do parque apenas para sobrevivência. "O resto tem que ser preservado", reforça.

Índios querem garantir acesso ao mel e pinhão

O esquema improvisado pelos índios para proteger a fauna do parque do ataque dos caçadores de fora não tem funcionado, reconhecem as lideranças indígenas. O cacique da reserva de Nonoai, o Zé Lopes, avisa que está disposto a dividir a responsabilidade pela proteção da área com soldados da Brigada Militar, Ibama e Funai, desde que os caingangues possam ter livre acesso ao parque e tirar dali o mel, o pinhão e os frutos que já nos tempos antigos alimentavam seus avós.

O novo diretor do Parque de Nonoai, o engenheiro florestal Juvenal Pavone, ainda não tinha conversado com o cacique quando soube da proposta. "É o ideal", declarou. Entretanto, observou que é preciso acordar esta proposta. De qualquer

forma, lembrou, não pode intervir na área física do parque, que continua *sub judice*. "A minha preocupação lá é com os brancos, não com os índios. Estamos dispostos a prestar assistência para os caingangues", avisou.

O diretor anterior, Ariel Rossato, é menos otimista. "Esses tempos uma senhora comentou que os índios estavam vendendo pedras com pouco valor na cidade. Eles estão fazendo cavas e os brancos estão se aproveitando para tirar madeira e pedras preciosas", acusou Rossato, em sua casa na cidade de Planalto. Ele aproveita para fazer nova acusação: "Sorte que não estamos na seca. Ontem mesmo vi uns bugrinhos fazendo fogo no mato para se esquentar. Pode dar um incêndio".

Peikân dá exemplo de harmonia

A aldeia Peikân é um exemplo de boa convivência entre os índios e a natureza do Parque Florestal de Nonoai. Peikân é o nome caingangue para a reserva do Rio da Várzea, localizada dentro da área do parque. Cercada de paredes de araucárias, a aldeia abriga hoje 289 caingangues, duas escolas, e casas de madeira com luz paga pela comunidade. O posto da Funai foi colocado há sete anos, depois de muitas tentativas de expulsar os índios do local. Em Peikân, um velho caingangue ainda guarda os segredos da mata.

O cacique da reserva, João Elias Morreira, tem 73 anos mas aparenta somente 50. Deve ser coisa de família, ele pensa, afinal diz que o pai morreu com 100 anos e a mãe, com 155. "Aqui no

parque fica o cemitério onde estão enterrados os meus avós", observa, orgulhoso.

Enquanto passeia pela reserva, o caingangue vai lembrando de tudo o que aprendeu no mato. "Aquele árvore ali eu vi nascer", aponta. "Aprendi com meu tio a tirar veneno de planta para usar na ponta do arco e flecha. Sou bom nisso, acerto uns 50 metros adiante", anuncia. Os olhos brilham quando ele conta dos segredos da medicina dos índios. "Tem remédio para não ficar velho, mas tem que tomar quando criança. E também para não ficar com cabelo branco. É só deixar as abelhas irapuá, que não têm ferrão, picar na cabeça enrolada com um pano". Esses segredos do parque, só os índios sabem, conclui.